

QUAL A IMPORTÂNCIA DE SE DIAGNOSTICAR A TRISTEZA PARASITÁRIA BOVINA?

MANUELA BERGAMIM / DIVULGAÇÃO / CP



EMANUELLE BALDO GASPAR

Pesquisadora da Embrapa Pecuária Sul

Existe algo que o produtor prejudicado por perder animais pode fazer, que é ajudar a construir o mapa da situação da doença, temida pelos pecuaristas gaúchos

Quando se fala em tristeza parasitária bovina (TPB) os produtores rurais do nosso estado já ficam de cabelo em pé. Há um tempo que a vacina congelada não está disponível no mercado e as melhores estratégias de controle de tristeza estão relacionadas ao manejo adequado das infestações pelo carrapato.

Mas, será que o pecuarista sabe ao certo o tamanho do problema? Quantos animais o estado perde anualmente para esta doença, transmitida por carrapatos e causada por *Babesia bovis*, *Babesia bigemina* ou *Anaplasma marginale*?

Eis aí um grande problema, porque nem nós, profissionais da área, que trabalhamos diretamente com a doença, podemos quantificar com certeza. Estima-se que haja cerca de 150 mil mortes anuais de bovinos por tristeza no RS, mas apenas cerca de 10 mil são notificadas oficialmente, embora, de acordo com o Ministério da Agricultura, a notificação de casos confirmados de tristeza seja obrigatória. A subnotificação é um fator crítico e colabora para a subestimação da importância econômica da doença pelas autoridades.

Mas existe algo que o produtor rural prejudicado por perder animais por tristeza pode fazer, que é ajudar a construir o mapa da situação da doença no estado. A notificação dos casos é feita nas inspetorias veterinárias dos municípios e não acarreta ônus para o produtor. As mortes notificadas comporão as estatísticas

oficiais, podendo contribuir para chamar a atenção do poder público.

Embora casos suspeitos possam já ser notificados, o ideal é que haja a confirmação da tristeza para a notificação. Existe um método de diagnóstico bem simples, que pode ser feito por qualquer veterinário treinado. Só requer coletar uma gota de sangue da ponta da cola ou orelha e fazer um esfregaço sanguíneo.

O próprio veterinário pode corar a lâmina e observar a presença dos parasitos ao microscópio ou enviar as lâminas para a inspetoria veterinária ou para um laboratório que faça o exame. É importante também enviar sangue coletado da cola, com anticoagulante, como garantia, caso a qualidade do esfregaço impossibilite o diagnóstico. É desejável que o sangue para o esfregaço seja coletado da ponta da cola ou de pequenos vasos da orelha, para aumentar a chance de observação do parasito em casos de infecção por *Babesia bovis*, pois estes parasitas ficam acumulados nos pequenos vasos sanguíneos.

Confirmada a TPB como causa do óbito, é imprescindível a notificação junto ao Serviço Veterinário Oficial, pelo produtor ou pelo técnico responsável pelo exame, até mesmo para que o problema seja visualizado pelo Estado em sua real magnitude, auxiliando a chamar a atenção do governo para a elaboração de políticas públicas.

ENCONTRO SOBRE PESCA NO RIO URUGUAI

Encontro dos pescadores, com participação da assistente técnica estadual da Emater/RS-Ascar, Ana Spinelli para tratar da pesca artesanal na bacia do Rio Uruguai, trazendo informações a respeito de ordenamento pesqueiro, políticas públicas e espécies de peixes protegidas.

Data: 12 de dezembro

Local: Associação dos Pescadores, Garruchos

ABERTURA DA COLHEITA DA UVA E FESTIVIDADES NATALINAS

Feira com venda de uvas e produtos coloniais, como uvas de mesa, vinho doce, hortaliças e frutas. Também haverá orientação aos produtores no que diz respeito ao cultivo, à qualidade e à boa apresentação dos produtos.

Data: 16 de dezembro

Local: Praça da Matriz, Muçum

DIA DE CAMPO SOBRE PRODUÇÃO LEITEIRA

Dia de Campo com foco principal na produção de leite. Nas estações serão tratados assuntos referentes à criação de suínos em cama sobreposta, armazenagem de grãos, produção de pasto e qualidade do leite.

Data: 18 de dezembro

Local: Localidade de Piquiri, Nova Esperança do Sul

APICULTURA E AGRICULTURA: CAMINHOS PARA A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

O evento realizará abordagens sobre os riscos que os tratamentos inadequados podem trazer em relação à sobrevivência das abelhas e, consequentemente, os impactos que serão causados ao meio ambiente.

Data: 18 de dezembro

Local: IFF/Campus São Vicente do Sul

COTAÇÕES & MERCADO

GUAÍBA CORREIO RURAL

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA
101.3FM 720AM

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	37,00	40,84	46,00
Feijão	saco 60 kg	100,00	139,42	195,00
Milho	saco 60 kg	32,00	34,51	40,00
Soja	saco 60 kg	68,50	73,70	79,00
Sorgo	saco 60 kg	26,36	27,19	28,00
Trigo	saco 60 kg	37,00	38,98	40,50
Boi gordo	kg vivo *	4,60	4,89	5,10
Vaca gorda	kg vivo *	3,70	4,11	4,50
Suíno	kg vivo *	2,80	3,14	3,50
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	6,00	6,56	7,80
Leite	litro	0,99	1,18	1,44

Semana de 03/12/2018 a 07/12/2018 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	12.064,2	10.997,8 a 11.817,9
Feijão	3.116,5	3.118,1 a 3.174,3
Milho	80.786,2	90.018,1 a 90.950,4
Soja	119.281,7	116.770,7 a 119.266,7
Trigo	5.531,8	5.531,8

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.972,8	1.829,9 a 1.963,3
Feijão	3.175,6	3.091,7 a 3.132,8
Milho	16.631,8	16.657,8 a 16.809,9
Soja	35.149,2	35.359,0 a 36.125,1
Trigo	2.036,7	2.036,7

RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	8.460,2	7.736,7 a 8.385,3
Feijão	107,6	97,0 a 103,2
Milho	4.827,8	5.093,0 a 5.399,8
Soja	17.150,3	17.767,8 a 18.485,7
Trigo	1.276,7	1.871,9

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.077,6	1.003,2 a 1.087,3
Feijão	58,8	56,9 a 60,4
Milho	728,4	713,8 a 756,8
Soja	5.692,1	5.635,2 a 5.862,9
Trigo	699,2	681,7

Dados do 2º Levantamento de Safra 2018/2019 da Conab

O primeiro sentimento que me invade quando amanheço em um novo dezembro é o de agradecimento. Depois, a satisfação por estar vivo, por estar aqui escrevendo crônicas campeiras, ter saúde, ter amigos, ter família, ter trabalho, e, principalmente, ter sonhos. Pensar projetos, fazer tanta coisa que ainda não fiz, publicar no ano que vem um ou dois livros para comemorar os 10 anos de "Campereada". Parece que foi ontem, aquele agosto de 2009 quando começamos a contar a memória dos bolichos, dos galpões e as histórias tantas da gente humilde da minha saudade. Foram muitas alegrias, reconhecimento, prestígio, convites para feiras, mesas redondas, bate-papos e palestras. Andei por universidades, colégios, CTGs, Centros Comunitários, ginásios. Sinto-me orgulhoso com os prêmios e as homenagens que me concederam. Momentos bonitos e inesquecíveis. Porém, a realidade do escrevinhador é árdua, tem a angústia da criação e da escrita em si, além da escolha e abordagem dos temas.

Eu releio antigas crônicas e choro. Como alguns de meus leitores que às vezes perguntam se tudo realmente ocorreu "de verdade". Respondo que sim, tudo é verdade e, se alguma coisa não aconteceu, deveria ter acontecido. Isto é a literatura, fingir que teria acontecido algo que realmente ocorreu. Ou transformar uma realidade em ficção. Para uma obra artística, isso não tem nenhuma importância. Ela será sempre verdade. Real até mesmo na imaginação. Em dezembro fico mais emotivo ainda do que sou nos outros meses. Lembro de minha chegada lá na Vila Rica, com 3 anos, segurando a mão de dona Miri-



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

Dezembro



ca. Depois de uma viagem de trem desde o Cacequi até Santa Maria, um trecho de ônibus, aportei na mangueira onde bebi um apoio de vaca Jersey numa caneca feita de lata do antigo azeite Primor. Naquela época potes de plástico não existiam, ou eram raros, se utilizava latas de metal grosso, muito mais resistente do que hoje. Ali, naquele dia, me enturmei no meio dos animais, das vacas, das ovelhas, dos cavalos, dos porcos e da passarada no arvoredo. Era um dezembro claro, calorento, de terminar o ano. Para mim era só o começo.

Ah, meus amigos, a vida é assim. No fim está o começo e sempre falo que quando algo começa é o início do seu próprio fim. Tem uma lógica intrínseca. Talvez por essa razão o último mês do ano me encontre assim, pensativo, mateando à sombra, despacito, já sem pressa, curtindo cada segundo desta vida guapa, tão linda e tão curta. Em dezembro, assobio antigos chamamés correntinos, canções de Teixeira, Gilde de Freitas, José Mendes e Pedro Raymundo. Em dezembro, assobio e canto minha essência, a mais genuína, a mais terruña e a mais regionalista. Nas noites salpicadas de pirilampos no céu, vejo-me pelo avesso, o reverso, no borco do mundo, voltando às origens campesinas. Ou será que nunca saí de lá de onde eu vim?

Os ventos cessam em dezembro. Tempo de abraçar e colher. Escutar as vozes que se desprendem dessas fotografias desbotadas. Lembro da Vila Rica enfeitada, das orações, dos automóveis das famílias ricas. O povo sentado na frente das casas vendo novela. Dias longos, noites cheirando a lavanda, xergões suados e um Cristo, solito, tão triste, nos olhando desolado na solidão eterna da parede...